



## O método de argumentação na Filosofia Escolástica Reasoned Discussion in Scholasticism Philosophy

João Eduardo Pinto Basto LUPI<sup>1</sup>

**Resumo:** A Filosofia que se desenvolveu nas universidades medievais estava metodologicamente estruturada de um modo didático que lhe valeu o apelido de “Escolástica”. Esse método não se criou junto com as universidades: ele foi se formando ao longo da existência da Filosofia desde seus primórdios na Grécia. A Filosofia Escolástica incorporou os modos de argumentação já desenvolvidos e deu-lhes uma formatação própria, constituindo a Filosofia e a Teologia como ciências.

**Abstract:** Philosophy, as it was developed in medieval Universities, was methodological structured in a didactic way, which named Philosophy as Scholastic. This method was not created at the same time as Universities, but it has been formed along the existence of Philosophy. Practically all previous methods of research and exposition merged in Scholastic Philosophy, but a new organization joined them in a peculiar form, thus establishing Philosophy and Theology as sciences.

**Palavras-chave:** Escolástica – Método – Argumentação – Filosofia Medieval.

**Keywords:** Scholasticism – Method – Argument – Medieval Philosophy.

ENVIADO: 07.06.2013

ACEITO: 20.06.2013

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Programa de Doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas. *E-mail:* [lupi@cfh.ufsc.br](mailto:lupi@cfh.ufsc.br)



TÓRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)  
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média  
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media  
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

## Introdução

A tendência geral a considerar a Idade Média, e a cultura medieval, como a fase mais negativa da civilização ocidental tem suas raízes no deslumbramento do século XVII, quando as novas ciências e as novas ideias políticas mobilizaram os intelectuais europeus contra tudo o que era anterior. Na realidade esse preconceito estava e continua cheio de erros \* mas quando a Idade Média é criticada deste modo não existe objetividade, e o que importa aos detratores é criar um ambiente de superação do suposto obscurantismo.

A filosofia medieval sofreu, e sofre, com esse preconceito, tanto mais que, por ser uma forma de visão intelectual ampla, inclui na sua argumentação e temática a Teologia, o que é repudiado pelas mentes laicas e racionalistas modernas. Por mais que se tenha explicado que a racionalidade de Descartes, tida como a matriz da filosofia moderna, se formou na leitura e estudo da Escolástica medieval, e que a própria Escolástica era uma forma aperfeiçoada de pensamento científico válido sob todos os aspectos, antigos ou recentes, o preconceito prevalece, e resiste à aceitação de que a filosofia medieval foi plenamente filosofia.

Os medievalistas, tanto no âmbito internacional, como no sul-americano, conhecem esta situação por experiência própria, mas ultimamente não têm mais o objetivo de convencer os demais filósofos e professores de filosofia de que a arrogância racionalista não se sustenta. A tarefa mais importante é investigar e analisar a filosofia medieval, ampliar o seu espectro de autores e temas, e deste modo criar um corpo de leitura e consulta que se justifica por si mesmo, pela sua importância e validade, e que está à disposição de quem o quiser consultar. Não é tarefa do medievalista combater contra moinhos de vento.

É preciso, contudo, divulgar e apresentar ao público leitor, e ao estudante, alguns pontos que podem ser úteis na abordagem da filosofia medieval e entre eles tem se verificado que a questão do método é importante para mostrar a cientificidade da filosofia da Idade Média, em particular na sua fase mais amadurecida, a Escolástica. De fato em muitos ambientes basta falar em Escolástica para afastar os acadêmicos mais "modernos" ou laicos, e portanto é por esta mesma palavra que podemos começar a destacar os valores medievais.



TÓRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)  
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média  
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media  
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

## II. A Escolástica

Por Escolástica entendemos o conjunto de doutrinas, opiniões e métodos que se desenvolveram nas universidades medievais; de certo modo o método escolástico começou quando começaram as universidades, e em parte deriva daí, ou se justifica, o seu nome de *escolástico*, próprio da escola. Vamos dedicar alguma atenção à explicação da origem do método, e menos ao seu contexto, mas é preciso deixar explícita uma questão: a Escolástica não foi algo que se desenvolveu isoladamente do seu meio social e cultural; pelo contrário, sua relação com a arte gótica (Panofsky 1991), com a evolução política do feudalismo, e com o renascimento da vida urbana é notável, e tem sido objeto de muitos estudos, que apenas lembramos, mas não explicamos, para nos concentrar no que escolhemos como nuclear.

É preciso também assinalar que a Escolástica se formou num longo percurso da Filosofia, e que se estendeu para além da Idade Média. Tendo nascido nas cidades (não nos mosteiros rurais), no apogeu do poder eclesiástico e no declínio do poder feudal, as universidades seguiram seu curso próprio durante o Renascimento humanista e artístico dos séculos XV e XVI, não o acompanharam, e se isolaram da sociedade. Estes e muitos outros motivos tiveram como consequência o empobrecimento da Escolástica, que acompanhou a vida das universidades, e ficou envolvida com formalidades e questões que hoje consideramos fúteis.

Houve uma breve recuperação no século XVII, com a Segunda Escolástica, muito criativa na Península Ibérica, mas depois o seu desaparecimento foi progressivo, até praticamente não subsistir a não ser em alguns meios católicos muito reservados. Uma nova Escolástica, a *Neo-Escolástica*, surgiu no século XIX, na Itália, Espanha e França, restrita aos centros e instituições de ensino ligados à Igreja Católica; essa circunstância foi funesta para a Filosofia Medieval, pois por necessidade de currículos e de método pedagógico a filosofia medieval foi reduzida à simplificação de alguns autores, escondendo a riqueza da sua real produção e criação, e dando razão efetiva aos seus desafetos.

Só no final do século XIX, por ação de alguns pesquisadores, notavelmente franceses e alemães, a pesquisa se ampliou e libertou de suas condicionantes eclesiásticas, até chegar à pujança de que atualmente goza.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)  
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média  
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media  
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

### III. A evolução dos métodos

Ao longo da sua história, desde os pré-socráticos, e sobretudo desde os atenienses até à constituição da Cristandade europeia no século X, a Filosofia desenvolveu uma grande variedade de métodos expositivos e argumentativos. Não é interessante explicar todos eles, mas é preciso recordá-los ainda que brevemente, pois, cada um a seu modo, contribuiu para a formação do método filosófico na Idade Média.

Seria demorado e talvez pouco proveitoso tentar extrair dos fragmentos e poemas dos pré-socráticos (jônios e eleatas) algum tipo de método, que, se pode ser definido, é certamente variado; o que deles se salienta é a perspectiva que fundamenta o método, a saber: a busca da razão das coisas, e do mundo em geral, através do mesmo mundo, e não de entidades mitológicas. Mas em Atenas já temos claramente expostos os princípios metodológicos e os modelos que vão permanecer como a estrutura de toda a filosofia ocidental, e que podemos sintetizar em três exemplos: a maiêutica, o diálogo, e o tratado.

A democracia de Atenas não era apenas um sistema de representação e eleição: muito mais do que isso, era um modo de vida, e sobretudo um modo de se comunicar entre as pessoas, entre os cidadãos. A maiêutica é uma expressão dessa forma de vida: de certo modo ninguém é superior a ninguém, nem ensina nada a ninguém, todo mundo sabe, só precisa ser advertido para que desperte em si mesmo aquilo que não-sabe-que-sabe. Por sua vez o diálogo é uma forma de tirar a verdade do seu lugar oculto, entre várias pessoas que a procuram. O diálogo é uma roda-viva em que se argumenta sem parar, porque a verdade não se fecha: sempre se está aberto a outras opiniões.

Aristóteles redigiu diálogos, que se perderam, e pequenos tratados, que são como que diálogos sem personagens: as opiniões são comparadas e discutidas, por vezes apenas subentendidas. Ao organizar esses tratados em conjuntos maiores, temáticos – lembrem-se os cânones e comentários de Andrônico de Rodes (c.70/50 a . C.) e Alexandre de Afrodísias (c.198-211 d. C.) – percebe-se uma tendência, própria do helenismo, às grandes organizações sociais e políticas. O tratado começa a aparecer sistemático: não apenas metódico, mas coerente, procurando que os conceitos mantenham unidade de definição dentro de um mesmo assunto.



TÓRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)  
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média  
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media  
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Em Roma a filosofia adquire outro modo de argumentar: primeiro copia a filosofia grega, mas depois a crise social torna impossível não se confrontar com a ética e as religiões. A filosofia torna-se de algum modo mais concreta e prática, sua linguagem mais acessível aos leitores avessos ao pensar abstrato. E ao longo do período imperial, e de sua continuação na formação dos reinos germânicos, a escola cria seus currículos, divide o saber, e apresenta o conhecimento em duas formas básicas: a do número (Geometria, Aritmética, Astronomia e Música, o *Quadrivium*) e a da palavra (Retórica, Gramática e Dialética, o *Trivium*).

O Cristianismo trouxe à Filosofia (no seu sentido mais amplo) métodos de pesquisa e de argumentação específicos da doutrina e da religião, como a apologética e a exegese – na realidade mais do que criar métodos novos o cristianismo incorporou e adaptou os modos de discutir que já existiam. O conjunto de textos dos primeiros séculos cristãos, a Patrística, inclui diálogos, cartas, poemas, hinos, comentários e tratados sistemáticos, geralmente sobre um determinado tema, mas algumas vezes sobre toda a doutrina cristã.

Esses tratados, por serem muito abrangentes, e se basearem na Palavra Divina, na Sagrada Escritura, portanto sendo dogmáticos, tendem a ser fechados isto é, pretendem ser perfeitamente coerentes, sem fissuras nem falhas – estas seriam possíveis heresias. Mantém-se contudo a disciplina do diálogo, na medida em que muitas vezes se apela ao cuidado de dizer que “pode haver outras opiniões” ou que “esta é apenas a opinião do autor do texto” e expressões equivalentes.

Mas a tendência à abrangência, à sistematização completa e à coerência doutrinária antecipam as sumas da Idade Média. Uma expressão própria da exposição doutrinária é a pedagogia da alma, isto é, a retórica para elevar os sentimentos, aperfeiçoar as virtudes e corrigir os erros: a verdade que se quer alcançar não é abstrata nem formal ou racional, é a verdade da correta e honesta forma de vida; esta argumentação está presente em quase todos os autores da Patrística nos seus sermões, homilias, comentários à Escritura e hinos sagrados.

Os modos de argumentação clássicos vão assim sendo transformados por intenções morais e religiosas, e dão lugar a métodos ou procedimentos que tendem a obter uma convicção menos racionalizada: assim é a glosa, uma forma livre de comentário, por vezes ao sabor da inspiração do autor, e a



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)  
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média  
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media  
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

catena, uma cadeia de citações de autoridades, que esquece a força das relações lógicas para se aproximar da uma forma repetitiva de ideias aceitas.

A consolidação da vida urbana na Europa central, a partir do século XI, e dos estudos nas escolas monacais e catedrais, trouxe uma efervescência de discussões que obrigou a voltar à argumentação mais metódica e racionalizada: Anselmo de Cantuária aplica a lógica à meditação sobre os atributos divinos, e Abelardo critica a falta de coesão das catenas. Nos seus escritos, e de seus contemporâneos, há uma forma de revisão e de reorganização de toda a metodologia anterior, que assume seu máximo aperfeiçoamento na Escolástica.

#### **IV. A consolidação do método**

A Escolástica é a expressão pedagógica do saber adquirido e completo. Ainda se dialoga, mas entre mestre e discípulo, ou entre concorrentes e adversários. Sua forma perfeita é o tratado, ou a suma, em que tudo se explica a partir de princípios firmes. O diálogo, que está sempre aberto a perguntas, que não fecha a continuidade do pensamento, e está numa relação de insegurança permanente perante o saber, passa para segundo plano, mas não desaparece.

O modelo do tratado escolástico começa por uma definição clara e que não ofereça dúvidas, passa por distinções e por discussão de opiniões, e só depois explica seus argumentos a favor de uma determinada tese. Cuida muito da linguagem correta, gramatical, e de uma semântica definida e irretocável – os significados devem permanecer constantes. (Le Goff 1973, 97). O tratado evita o confuso, o mal definido, o prolixo, mas também o unilateral, pois a realidade deve ser amplamente abrangida. Para evitar a confusão e o mal-entendido usa com parcimônia de imagens, comparações, exemplos, porque eles podem introduzir uma retórica que amplie demasiado as interpretações.

O tratado, e mais ainda o tratado geral que é a suma, deve ser sistemático, isto é: apresentar um conjunto de definições e conceitos de tal modo organizados que haja perfeita correspondência – sem contradições nem ambiguidades – entre todos eles. Na suma há um controle interno de validade, em que cada definição e conceito controla e é controlada pelas demais, ou seja, a definição de um conceito inclui e não contradiz as definições dos conceitos que lhe são correlatos.



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)  
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média  
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media  
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

Mas este modelo, cuja expressão máxima se considera geralmente que seja a Suma Teológica de Tomás de Aquino, não é tão fechado como esta descrição de *tipo-ideal* deixaria supor. A Suma inclui, e admite, a discussão de outras opiniões, e a possibilidade de doutrinas diferentes; mesmo que estas sejam rebatidas, elas são levadas em consideração. De certo modo o diálogo está aberto, e pode ser continuado na sala de aula, ou mais ainda, nos debates institucionais.

Essa tradição tinha se mantido: mesmo nas escolas conventuais, ou nas grandes discussões dos concílios do tempo da Patrística, os debates foram abertos e livres – uma opinião divergente, ou heresia, podia ser defendida pelo poder público, como o imperador de Constantinopla fez muitas vezes (no caso do monofisismo, ou da questão iconoclasta); o poder do Papa não era categórico como foi no final da Idade Média; e bastava geralmente sair da jurisdição de um bispo para poder defender suas ideias noutra diocese – ou escapar da ação do Papa e refugiar-se na corte do imperador, como fez Guilherme de Ockham.

A Escolástica incorporou e institucionalizou o debate, integrando nele boa parte da tradição argumentativa da Teologia e do *Trivium*. Em primeiro lugar a própria suma, ou o tratado, deve explicar as respostas às opiniões contrárias: estas não apenas se reprovam, ou contradizem, mas devem ser levadas em consideração e respondidas nos termos dos argumentos do autor, que, por princípio, são considerados mais adequados dos que os do adversário.

Onde, porém, a questão oferece dificuldade de resposta, abre-se a possibilidade de uma sessão especial de debate, na questão discutida (Le Goff 1973, 100) ou disputada (*quaestio disputata*); esta era ao mesmo tempo um exercício didático, uma sessão pública, e uma aceitação de novas investigações; contrastava assim com a lição oral (a *lectio*) que consistia na leitura comentada de textos aprovados, como *O Livro das Sentenças* de Pedro Lombardo.

Ao contrário da *lectio*, onde havia pouca ou nenhuma margem para perguntas, na questão disputada havia controvérsia, mas não totalmente livre: ela era organizada, pois a questão era previamente preparada por um mestre, e do mesmo modo os arguentes eram escolhidos e preparados com antecedência (Le Goff 1973, 101); a própria forma de discussão obedecia a normas precisas, geralmente seguindo o método silogístico. O aspecto mais livre e



TÔRRES, Moisés Romanazzi (coord.). *Mirabilia 16* (2013/1)  
A Filosofia Monástica e Escolástica na Idade Média  
La Filosofía Monástica y Escolástica en la Edad Media  
Monastic and Scholastic Philosophy in the Middle Ages

dialógico do Método (no sentido geral pedagógico ou didático) da Escolástica era constituído pela questão livre (*quodlibet*: o que quiser) espécie de pinga fogo em que o mestre escolhia um tema que era exposto e discutido com mais informalidade; mas mesmo aqui o ardor da argumentação tinha normas a seguir (Le Goff 1973, 102; Ullmann 2000, 67).

A liberdade e tolerância de expressão da Escolástica é muito ampla: basta ver com que naturalidade os autores e mestres citam textos de autores pagãos, judeus, e muçulmanos, trazendo-os como argumentos válidos para suas exposições. Mas para obter resultado essa liberdade e abertura devem ser dirigidas: a Escolástica entendia que a ausência total de normas de discussão não conduz a resultados, tal como num jogo (de futebol, ou de xadrez) sem normas não é possível jogar. Ganha quem souber jogar melhor (os argumentos) dentro das normas estabelecidas. Como em todas as coisas humanas chegou um tempo em que a escolástica perdeu sua força, porque a criatividade em fazer normas e obedecê-las superou a criatividade nos argumentos; mas a sua genialidade esteve no equilíbrio entre regras e ideias.

Como por exemplo nas exposições de instrumentos medievais de tortura, que circulam pela Europa e Américas, e onde os instrumentos são quase todos pós-medievais; essas exposições inspiram os visitantes contra a Idade Média, sem reparar que a tortura contemporânea é muito mais sofisticada, e que a exposição não teria sucesso se os visitantes não gostassem de ver torturas.

\*\*\*

## Bibliografia

- COSTA, José Silveira da. “A sistematização da Teologia escolástica”. *In: A Escolástica cristã medieval*. Rio, do Autor, 1999, II,8, 52-55.
- LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Lisboa, Estúdios Cor, 1973.
- MONGELLI, Lênia Márcia (coord). *Trivium & Quadrivium. As artes liberais na Idade Média*. Cotia, Íbis, 1999.
- OLIVEIRA, Terezinha (org). “Considerações sobre o caráter histórico da Escolástica”. *In: Luzes sobre a Idade Média*. UEM, Maringá, 2002, cap. 3, p. 47-64.
- PANOFSKY, Erwin. *Arquitetura gótica e escolástica*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- SPINELLI, Miguel. “Conservação, apropriação e sistematização medieval da herança filosófica grega”. *In: Filosofia e Ciência*, São Paulo: Edicon, 1990, cap. III, p. 91-174.
- ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *A universidade medieval*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2000.
- VERGER, Jacques. *As universidades na Idade Média*. São Paulo: UNESP, 1990.